

FOTOGRAFIAS E LEGENDAS JORNALÍSTICAS: o sentido legitimado

Jonathan Raphael Bertassi da Silva¹

Lucília Maria Sousa Romão

(FFCLRP/USP)

RESUMO: Este artigo pretende interpretar o funcionamento discursivo das legendas do jornal *Brasil de Fato*, periódico jornalístico tido como alternativo em cuja formação discursiva inscrevem-se efeitos de resistência e ruptura com o discurso dominante da imprensa majoritária representada pelos jornais e revistas de maior circulação no país. Observamos como as fotografias e as legendas colocam em discurso a questão agrária, promovendo a emergência de efeitos de contestação que denunciam a concentração de terra e que instalam “Uma visão popular do Brasil”. Mobilizamos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de matriz francesa, enfatizando os efeitos do verbal sobre o não-verbal e interpretando o efeito ideológico de evidência no jornalismo. Além disso, faremos também uso do trabalho de teóricos da imagem, para evidenciar como o registro fotográfico é interpelado pela ideologia no ato da leitura; enquanto o sujeito-fotógrafo, por sua vez, é também exposto à determinadas condições de sentido para significar no recorte escolhido para a imagem.

Palavras-chave: Análise do Discurso, legendas, fotografias, ideologia, jornal *Brasil de Fato*.

ABSTRACT: This paper intends to interpret the discursive operation in the subtitles of *Brasil de Fato*, journalistic newspaper had as alternative in whose discursive formation enrolls resistance effects and rupture with the dominant speech of the majority press represented by the newspapers and magazines of larger circulation in the country. We

observed as the pictures and the subtitles place in speech the agrarian subject, promoting the emergency of reply effects that you/they denounce the land concentration and that install “A popular vision of Brazil”. We mobilized the theoretical presuppositions of the Discourse Analysis of French matrix, emphasizing the effects of the verbal on the non-verbal and interpreting the ideological effect of evidence in the journalism. Besides, we will also make use of the work of theoretical of the image to evidence how the photographic registration is questioned by the ideology in the act of the reading; while the subject-photographer, at its time, is also exposed to certain sense conditions to mean in the chosen of cut the image.

Key Words: Discourse Analysis, subtitles, pictures, ideology, newspaper *Brasil de Fato*.

Introdução

*“Não quero a boa razão das coisas/
quero o feitiço das palavras”*

Manoel de Barros

O norte deste artigo consiste no imperativo de pensar as fotografias e legendas midiáticas como materialidades discursivas diferentes que, na pretensão da imprensa por uma suposta “objetividade” que deveria pautar toda linha editorial jornalística, delineiam uma aparente homogeneidade que busca dissimular o efeito ideológico de evidência no discurso verbal e não-verbal, fazendo-os os únicos sentidos possíveis. Mobilizaremos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) de filiação francesa para interpretar o verbal e também os trabalhos de Philippe Dubois (1993) e Martine Joly (1996) para interpretar a imagem, levando em conta os estudos sobre a

imagem fotográfica e suas particularidades na circulação de sentidos através de recursos que o olho humano, grosso modo, não teria como perceber e que fazem parecer óbvias certas interpretações.

O diferencial do artigo reside na reflexão sobre a legenda jornalística e seu efeito de condensação dos sentidos do/sobre o discurso não-verbal, marcando como o heterogêneo tende a ser contido nas legendas, algo que pode passar despercebido numa leitura parafrástica favorecida pela diagramação do jornal. Não obstante, vale ainda interpretar o mito da “objetividade” que está associado ao registro fotográfico para, através do corpo lingüístico das legendas de ancoragem, instalar efeitos de sentido. Para a realização da pesquisa, constituímos um *corpus* com recortes lingüísticos do jornal alternativo *Brasil de Fato*, lançado durante o Fórum Social Mundial em 2003.

Como já vimos em outros trabalhos, (SILVA; YADO; ROMÃO, 2008b; SILVA; ROMÃO, 2008a), o *Brasil de Fato* é um jornal que se filia à formação discursiva (FD) de resistência, diferenciando-se dos dizeres instalados pelas grandes empresas de comunicação e assumindo sua filiação política até em chamadas publicitárias como a veiculada na revista *Fórum* em maio de 2008 (FÓRUM, 2008, p. 31), que enuncia “*O jornal de esquerda*”. Temos, nessa inscrição, o significante “*esquerda*”, tão politicamente carregado, redigido em cor vermelha, o que faz falar um modo de produzir sentidos, qual seja, coloca em movimento a voz de contestação da propriedade privada, da ordem capitalista e da produção centrada na exploração do trabalho. Também nessa direção está o *slogan* do jornal: “*Uma visão popular do Brasil e do mundo*”, criando um contraponto aos outros relatos midiáticos em que haveria uma “visão elitista do Brasil e do mundo”. Esse modo de dizer e silenciar põe em movimento o efeito de divisão nos modos dos jornais relatarem os acontecimentos em função da

classe social a que estão filiados. Nesse caso, o jornal está explicitamente comprometido com o mundo do trabalho, o que implica enunciar em nome dos desfavorecidos.

As grandes corporações da mídia, filiando-se a lugares de poder já inscritos socialmente pelas elites, tendem a apregoar imparcialidade, objetividade e isenção, quer dizer, o “mito da informação inequívoca” tão caro a certas formações discursivas alinhadas à defesa do capital. Tais formações escondem contradições sociais típicas do capitalismo, sob o manto da liberdade de imprensa e da neutralidade, o que nos leva a considerar a atualidade da formulação ácida de Pêcheux.

Encontramos essa divisão nas relações de produção capitalistas, e sob sua forma jurídica, que deve tirar os equívocos com contratos, trocas comerciais, etc. (igualdade lingüístico-jurídica entre as partes contratantes), e, simultaneamente, manter o equívoco fundamental do ‘contrato de trabalho’, o que se pode resumir dizendo que, no direito burguês, ‘todos os homens são iguais, mas há alguns que o são mais que outros’! (PÊCHEUX, 1997, p. 27)

Tomamos a materialidade lingüística do jornal *Brasil de Fato* como discurso, ou seja, como movimento de efeitos de sentidos entre interlocutores, buscando refletir sobre a fotografia e a legenda para, finalmente, chegarmos às análises.

Fotografia como ilusório “espelho da realidade”

“é absolutamente impossível viver (...) sem esquecimento.”

Friedrich Nietzsche

Desde a segunda metade do século XIX o conceito de “neutralidade” da fotografia fixou alicerces no senso comum. Mais tarde, esse conceito ganhou força com o

surgimento de recursos que aproximam as fotos à percepção do olho humano, como o uso de cores. A fotografia, “é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra” (DUBOIS, 1993, p. 25). Junto com essa pretensa “aproximação da realidade”, contudo, apareceram mecanismos que o olho humano nu não seria capaz de notar, como focos, controle de iluminação, etc; enfim, a edição da fotografia – que encontrou seu auge na era do *Photoshop*. Os recursos tecnológicos permitem, para citar só a mais famosa das muitas alterações possíveis, justapor recortes de duas fotografias. Isso passa a produzir sentidos sobre o registro fotográfico especialmente ligados ao imaginário da verdade, pois “qualquer imagem passou a ser manipulável e pode perturbar a distinção entre ‘real’ e virtual” (JOLY, 1996, p. 26).

Ainda assim, a fotografia teria o efeito de uma prova irrefutável da realidade, visto que, conforme muitos autores, ela trataria do referente, o que promove um efeito de colamento entre a imagem e a realidade. No entanto, não podemos dizer que o processo de produção de sentidos em uma fotografia dá-se de maneira homogênea entre todos os leitores, pois a interpretação de um objeto depende da posição que o sujeito ocupa.

Seria, então, a fotografia um espelho da realidade emoldurado pela univocidade? Não. Tanto para os teóricos da imagem quanto para os da AD a interpretação é constituída socialmente a partir da posição do sujeito, do modo como ele ocupa determinado lugar onde os sentidos são naturalizados pela ideologia. Mas ainda que se entenda a fotografia como sócio-ideologicamente constituída, é recorrente os sentidos sobre ela apresentarem-se instalados em duas regiões do já-lá. A primeira é o legado artístico que a fotografia herdou da pintura, tendo até granjeado o *status* de “oitava arte”. Neste caso, à fotografia é atribuído um valor de objetividade como se, ao

manusear as lentes, o sujeito não estivesse implicado pela ideologia em uma região de sentidos sobre a realidade. A segunda é o modo como a fotografia é usada, sobretudo no meio jurídico e midiático, como evidência de uma realidade independente do sujeito, com base num pensamento neopositivista e estrutural da ciência, tendo a fotografia aí o papel de “mostrar o que se quer dizer”.

No caso do primeiro preconceito, trata-se de um denominador comum em todas as artes. Coloca-se o sujeito-fotógrafo, sob o manto sagrado de autoridade artística, como ser inatacável cujos enunciados pertenceriam a “outra dimensão” e cuja compreensão seria permitida apenas a alguns leitores “eruditos”. Toma-se o fotógrafo apagando-se a sua condição de sujeito de/à linguagem. Na verdade, a posição do sujeito está ligada às condições de produção, evidenciando o jeito como a ideologia o toma de assalto, capturando-o em um lugar em que parece evidente dizer de um modo e não de outro.

Não deixa de ser paradoxal essa constatação, pois um dos deleites da arte (em qualquer de suas manifestações) é justamente a riqueza de leituras possíveis, sem favorecer nenhuma. Sendo assim, não poderíamos concordar com o postulado de que numa fotografia existe um sentido imanente; ao contrário, os sentidos sobre uma fotografia são produzidos na relação com os sujeitos, sujeita ao equívoco, imprecisão, opacidade. Desse modo, a fotografia no dizer jornalístico é compreendida como discurso marcado pela heterogeneidade de vozes em que pese o imbricamento do modo de dizer e significar do sujeito-fotógrafo, do editor, etc, ou seja, como colagem de várias vozes que, longe de construir um espelho para a realidade, inscrevem um modo de significá-la e produzir sentidos sobre ela.

Legendas de fotografias no discurso midiático: dispersão e contenção

“as palavras que digo escondem outras.”

Clarice Lispector

Segundo Orlandi ([1993], p.13-4), “Na relação do falante com a mídia, o que podemos observar é pois o cálculo do sentido pelo verbal (...)”. Assim, a legenda na página jornalística constitui esse lugar de estabilização do sentido “natural”, contendo a deriva de sentidos que a fotografia propicia e garantindo uma ilusão de homogeneidade entre o imagético e o lingüístico.

O sujeito discursivo é interpelado por dois esquecimentos. Primeiramente o ideológico, através do qual “tem a ilusão de ser a origem do que diz” (ORLANDI, 2006, p. 21). Deste modo, o sujeito, por não se encontrar no exterior de sua formação discursiva, rompe com a idéia de indivíduo cartesiano tão cara ao meio científico, dado que, no segundo esquecimento, ele apóia-se na ilusão de dizer tudo e da inexistência de outros sentidos possíveis, visto que “ao longo de seu dizer vão-se formando famílias parafrásticas de tudo aquilo que ele podia dizer, mas não disse” (op. cit., p. 21). No caso do jornalismo, isso culmina na crença de ser possível apagar a “indesejável” ambigüidade da linguagem, seguindo cartilhas de redação que possibilitariam um afável relato *imparcial* dos fatos.

Na prática, o discurso da mídia está muito longe da “imparcialidade”, porque o espaço discursivo midiático é permanentemente afetado pelo exercício do político na medida em que as condições de produção desses dizeres têm relação com uma cadeia de interesses em que pese a implicação da voz de editores, anunciantes, proprietários. Sobre isso, Arbex (2001, p. 59) afirma que “quanto maior o capital necessário ao investimento em novas tecnologias, mais a mídia se tornou dependente dos anunciantes

e dos sistemas de crédito”. Temos, a mídia como uma instituição que faz circular um sentido dominante “que se institucionaliza como produto da história: o ‘literal’” (ORLANDI, 1996, p. 144) e, ao mesmo tempo, impede a emergência de outros sentidos. Esse sentido dominante não se naturaliza por acaso, é legitimado conforme condições de produção sócio-históricas, no caso definido pelo alinhamento das corporações de mídia ao grande capital (muitas vezes transnacional).

Há sentidos a serem regularizados como os únicos confiáveis e, no entanto, há sempre algo que escapa na linguagem, espaços em que o sentido dominante fura e instala a ruptura. Tal movimento entre o que estrutura e o que desestabiliza foi teorizado por Pêcheux (1999) e ecoa no fragmento abaixo.

Relações de poder e estratégias de luta constituem, uma para a outra, uma espécie de limite permanente, um ponto de reversão possível. Ao mesmo tempo, elas constituem uma fronteira: não é possível haver relação de poder sem pontos de insubmissão que, por definição, lhe escapam. (GREGOLIN, 2003, p. 103).

Tais relações de poder materializam-se nas imagens e palavras de uma formação discursiva que remete a uma formação ideológica. Inferimos, então, que as fotografias e as legendas constituem esse lugar de condensação dos sentidos que precisam as tensões de poder que subjazem o dizer jornalístico. Considerando que é preciso escolher uma imagem plástica (ou várias) que dê rosto ao dia anterior (na Internet, ao minuto anterior), o sujeito no discurso jornalístico lida com essa demanda de modo a ‘escolher’ um retrato visual que imaginariamente estabeleça um sentido evidente e natural para os acontecimentos, naturalizando, pela via do imagético, um sentido apenas e descartando outras formas de dizer. Juntamente com a fotografia, a legenda cumpre a função de estabilizar, na ordem da língua, apenas uma formulação para a polissemia de sentidos

que a fotografia poderia instalar. “A função de ancoragem consiste em deter essa ‘cadeia flutuante do sentido’ que a polissemia necessária da imagem geraria, designando ‘o nível correto de leitura’ (...)” (JOLY, 1996, p. 109). Dessa maneira, fotografias e legendas formam um par a ser falado como homogêneo, silenciam os sentidos não desejáveis que poderiam circular, mas que ficam contidos nas duas materialidades.

...a mídia funciona através da redução do não-verbal ao verbal, produzindo o efeito de transparência, da informação, do estável (ou, pelo menos, do diretamente decodificável). A própria concepção da mídia fica assim afetada pelo efeito de continuidade homogênea do não-verbal ao verbal. (...) A mídia tem seu domínio específico de significância e o verbal não é sobredeterminante quando restituímos a mídia a esse seu domínio próprio. (ORLANDI, [1993], p. 9-10)

Fazendo uso da linha neopositivista da terapêutica da linguagem criticada por Pêcheux (1982), a mídia encontra na legenda a forma de instalar uma interpretação unívoca da imagem, fazendo-a um mero acessório complementar ao ser traduzida e verbalizada e, assim, perdendo o caráter de texto (SOUZA, 2001). Ou seja, embora se pense que a legenda vem a reboque da imagem, muitas vezes é a primeira que se submete à interpretação ditada pelo verbal. Mesmo artigos de biblioteconomia como o de Smit (1995), cujo escopo é debater a classificação das imagens ou dos sons sem exatamente levar em conta o discursivo, denunciam esse fenômeno *logocêntrico*, isto é, da separação entre a informação dita “séria” – a lingüística – e a “emotiva” – a audiovisual/imagética. Daí a suposta necessidade de usar o verbal para emprestar “credibilidade” à fotografia.

Tal fenômeno é sustentado pelo mito da “objetividade da informação”, partindo do pressuposto de que, na mídia, a imagem e a linguagem seriam uma cópia asséptica

de algo que se deu de verdade e como a mídia apresenta, o relato, então, passa a ser entendido como passível de interpretação literal.

Para a AD, interpretar fotografias e legendas reclama compreensão dos processos históricos de constituição dos sentidos, pois a sonoridade, a imagem, o traço “não são transparentes em sua matéria, não são redutíveis ao verbal, embora sejam intercambiáveis, sob certas condições” (op. cit., p. 7). A leitura do verbal é diferente da do não-verbal, portanto, pelas particularidades constituintes de cada uma dessas linguagens.

Enquanto a leitura da palavra pede uma direcionalidade (da esquerda para a direita), a da imagem é multidirecionada, dependendo do olhar de cada ‘leitor’. (...) Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita. Movimento totalmente inverso ao que ocorre com a linguagem verbal: quanto mais se segmenta a língua, menos ela significa. (SOUZA, 2001, p. 6)

Observamos que a legenda funciona discursivamente como meio de administrar a polissemia da fotografia, recortando alguns elementos e produzindo “uma outra imagem, outro texto” a ser tomado como evidente. Temos, então, a legenda marcada pelo efeito de explicação da imagem, inscrevendo o sentido de inteireza e unidade tão ambicionados pelo imaginário que sustenta o discurso jornalístico.

Nota-se, aliás, que na maioria das vezes o tamanho da legenda cobre quase completamente o espaço abaixo da fotografia, cobertura esta que para nós é bastante significativa já que o verbal parece condensar tudo o que o imagético poderia instalar como sentido(s). Sobre a carência do ponto final, deixa um efeito de incompletude e fixa o efeito de homogeneidade com a fotografia, uma vez que também a fotografia é um enquadramento (ou recorte) do visual, sem ter ela mesma um “ponto final”.

Também o uso de uma mesma legenda para duas (ou mais) fotos faz falar um suposto diálogo entre ambas e, dependendo da diagramação e dos próprios dizeres da legenda, instala o efeito de homogeneidade ou de conflito entre elas.

Coloca-se o “tempo” da imagem através dos tempos verbais, geralmente marcados no presente. Isso inscreve a noção de um presente espetacularizado na mídia; basta notar, por exemplo, a recorrência de verbos no presente apesar de a fotografia, como já vimos, mumificar uma imagem passada. Contudo, pode-se também usar verbos no passado, quando se quer ressaltar o efeito de distanciamento do fato com o agora, pontuando algo que pertence à outra “realidade” ou que se tornou obsoleto para a atualidade. Nesse caso, muitas vezes o não-verbal também instala sentidos através de recursos como fotos em preto e branco. Notamos, assim, o quanto o verbal comparece no modo como as imagens são significadas e como ele faz falar certos sentidos e silencia outros. É justamente para esse movimento de tensão do verbal sobre o não-verbal que chamamos a atenção aqui.

**Análise de recortes do jornal *Brasil de Fato*:
legendas e fotografias em discurso**

*“Sertão: estes seus vazios. O senhor vá.
Alguma coisa, ainda encontra.”*

Guimarães Rosa

Interessa-nos, a partir daqui, interpretar o modo como certos sentidos são colocados em discurso nas legendas do jornal *Brasil de Fato*, em recortes de 2005.

Figura 1



Nesta fotografia, de maio de 2005, creditada ao fotógrafo Cristiano Navarro, retrata-se um homem idoso à frente de um grupo de pessoas, com um chapéu cuja sombra lhe cobre parcialmente o rosto (nota-se que ele olha para a câmera). Algumas bandeiras são vistas, uma delas carregadas pelo senhor. A cor vermelha é predominante nos trajes dos manifestantes. A legenda anuncia: *“Seu Luis: ‘Na subida, tem de manerar o passo, senão amanhã ninguém agüenta’*”.

É notório o predomínio da cor vermelha, especialmente nos trajes de seu Luis. Observemos também a posição corporal dos fotografados: enquanto as poucas pessoas (jovens) vistas ao fundo estão bem mais distantes da câmera e olham para o lado, seu Luis “encara” o receptor da foto frontalmente, num gesto que pode gerar interpretações diversas, desde um olhar desafiante até o simples reconhecimento e a carinhosa

saudação de alguém que está (literalmente) próximo. Tal leitura vai depender, portanto, da formação imaginária na qual o sujeito-leitor se inscreve em relação ao objeto discursivo MST. A idéia de estar *à frente* dos jovens instala efeitos de sentido de luta histórica dos movimentos de esquerda, o que dialoga com a idade avançada de Seu Luis (nada menos que 97 anos incompletos), puxando as pessoas mais jovens atrás de si, lembrando também que a mochila que ele carrega nas costas pode nos remeter à idéia de que a bagagem carregada por ele, que já marcou presença em tantas manifestações, é a esperança da juventude que vem a seguir. Tomamos, então, alguns vestígios da imagem - a posição do corpo, a bandeira erguida, a mochila nas costas – para significar como essas marcas visuais inscrevem sentidos já ditos em outros contextos, atualizando de modo sempre outro a prontidão para a luta política.

No que tange a legenda, temos um enunciado em que o nome “Seu Luis” é tão “óbvio” quanto à frase que vem a seguir, naturalizando, assim, um sentido de suposta familiaridade entre o sujeito-leitor e o militante mais idoso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A legenda é marcada ainda pelo uso das aspas, o que inscreve uma citação de Seu Luis, ou seja, a voz dita por ele é atualizada do modo “literal”, sem minimizar as nuances fonéticas para sugerir essa transcrição literal – como o *manerar* ao invés de *maneirar*. Esse recurso, tal como o olhar do protagonista, pode também ter leituras diferentes conforme a formação discursiva do leitor: ou de *distanciamento*, graças a marcas consideradas “erros de português” manifestados na transcrição fonética que remetem à camada popular, ou de *aproximação*, instalando efeito de informalidade no diálogo de Seu Luis e, por aí, de intimidade com o receptor, uma vez que as mesmas marcas podem indicar espontaneidade e singularidade no modo de falar.

Inferimos, ainda, que a imagem e a voz de Seu Luis pode nos remeter a lembrar de outros homens idosos, já que um rosto pontuado por rugas e um dizer sobre “*manerar o passo*” apontam na direção tanto de significar a fragilidade quanto de fazer falar a persistência de lutar. Temos, também, a possibilidade de interpretar um efeito de conselho no enunciado de Seu Luis sobre a necessidade de “*manerar o passo*”, conselho dirigido para a geração mais jovem (o “*amanhã*” marcado também pelos rostos jovens) ainda tem muita luta (“a *subida*”) pela frente. Desse modo, a legenda, na ordem da língua, tem uma função de ancoragem em que pese o fechamento dos sentidos que, pela circulação do imagético, poderiam migrar em várias direções, marcando a amarração de um sentido apenas.

Buscamos, dentro do nosso *corpus*, uma outra imagem que pudesse dialogar com a interpretada até aqui, tanto pela exposição de um rosto mais idoso quanto pelos efeitos de sentidos colocados como evidentes em relação à luta política. Interessa-nos ainda observar o funcionamento discursivo da legenda como ponto de condensação dos sentidos derivantes da imagem.

Figura 2



A legenda cumpre inicialmente a função de cobrir as duas fotografias, a primeira de Roberto Pereira e a segunda de Rodrigo Lobo. À esquerda, uma fila de manifestantes que se estende até onde o enquadramento alcança e que transborda o possível de ver, vazando para além do que a objetiva pôde captar. Os dizeres nas camisetas inscrevem “transposição não, revitalização sim” e as bandeiras vermelhas colocam em curso a bandeira do MST. Na segunda foto, temos um clérigo também idoso com a mão esquerda no queixo olhando para cima, com cruzes e outros símbolos cristãos ao fundo, um deles tomando toda a parte superior da imagem. Na legenda, única para as duas fotos, lemos: *“Trabalhadores de Cabrobó (PE) participam de romaria em apoio ao bispo dom Luiz Cappio, em greve de fome desde 26 de setembro. Ele só volta atrás se o presidente Lula suspender o projeto de transposição”*.

É bastante freqüente no jornal *Brasil de Fato* é o não-silenciamento dos dizeres de trabalhadores, manifestantes, populares já que, como já vimos, o jornal se coloca como aquele que inscreve “*uma visão popular do Brasil*”.

Num efeito de desafio, uma das manifestantes, centralizada entre os indivíduos fotografados à frente, olha para a câmera (e, por tabela, para o leitor da imagem), com as “frases de ordem” do manifesto bem visíveis na camiseta e o interessante detalhe das palavras “*São Paulo*” grafadas em seu chapéu. No caso, o efeito de desafio do olhar dialoga com os dizeres do chapéu, uma vez que a notícia é sobre um acontecimento dado na região nordeste e faz falar, assim, o efeito de uma unidade federal em torno do objeto discurso transposição do Rio São Francisco. A marca “*São Paulo*” instala um efeito de aliança dos estados mais ricos, aqui implicados pela situação dos problemas dos estados mais pobres, investindo a imagem da romaria de um efeito de unidade e homogeneidade. Poderíamos indagar que sentidos já estão dados sócio-historicamente para uma romaria, quais sejam, investimento coletivo e religioso em prol de homenagem, consagração, louvor, pedido ou agradecimento por graça alcançada; tais sentidos retornam e são atualizados em relação à greve de fome do bispo e à transposição do rio.

Já na fotografia da direita, temos o bispo dom Luiz Cappio, o sacerdote em greve de fome em nome do fim da transposição do São Francisco, olhando para cima com a mão no queixo que tampa parte da boca. Tal posição corporal atribui ao homem da fotografia efeitos de religioso, “filósofo” e pensador. Em relação à primeira imagem, temos aqui um outro modo de percorrer sentidos sobre o idoso, nesse caso, expondo o rosto de um bispo que não encara a objetiva, mas que olha para o alto. Isso implica considerar o interdiscurso sobre a religião, sobre o apelo aos céus, sobre a oração, sobre

o diálogo com o que está na ordem do sagrado, sentidos que combinam com o estado de jejum e oração do bispo como forma de protesto político. Para dialogar com a notícia escrita, a diagramação do jornal colocou dom Cappio “olhando” para o vão deixado pela fotografia ao lado (cuja altura é menor), espaço cedido ao resumo da notícia que aparece detalhada nas páginas seguintes. Também o formato vertical da fotografia do bispo favoreceu o efeito de homogeneidade causado pela comparação entre ele e os manifestantes, dispostos quase na mesma “altura” na diagramação.

Nesse sentido, o excedente da foto da direita, que exhibe uma cruz desfocada, instala efeito de fé e de cristandade, uma vez que a cruz (centralizada e logo acima da cabeça de dom Cappio) está acima de todas as pessoas fotografadas, com a imagem de Jesus “olhando” os manifestantes abaixo. Mais uma vez, nota-se a importância do cristianismo e da ideia de martírio para o bispo. O símbolo cruz faz deslizar o sentido de martírio do campo religioso (de Jesus Cristo) para o social (a luta política contra a transposição do rio e a romaria dos militantes do MST). Um enquadramento desse tipo não é ingênuo, tampouco carrega em si o “mito da informação” criticado por Orlandi ([1993]), uma vez que a informação é sobre o Clérigo, e a cruz tão abertamente enquadrada (toda a metade superior da imagem é para ela) pouco ou nada representa como “‘dado jornalístico’, inscrevendo sentidos tidos como naturais pelo efeito ideológico de evidência.

A diagramação sugere um efeito de “unidade” (e homogeneidade) entre as duas fotos, a legenda e o resumo da notícia. Observamos aqui o papel da legenda na produção de sentidos homogêneos. De modo a preencher o espaço de dispersão dos sentidos deixado pelo cumprimento das duas fotos somadas, a legenda comporta as duas imagens fotográficas com duas formulações “*Trabalhadores de Cabrobó (PE)*

participam de romaria em apoio ao bispo dom Luiz Cappio, em greve de fome desde 26 de setembro” e *“Ele só volta atrás se o presidente Lula suspender o projeto de transposição”*. O conceito de *narrativa do presente* mencionado por Gregolin (2003) é marcado aqui pela inscrição dos verbos no presente *participam* e *volta*, ambos indicativos de movimentos tanto da ação dos manifestantes (em romaria) quanto do clérigo (em greve de fome), unindo-as no tempo do agora. Contudo, a implicação de continuidade obtida pelas frases em cadeia (basta notar o uso do pronome “ele” na segunda frase, que remete ao bispo mencionado na frase anterior) é obtida somente através do verbal, dado que as imagens inscrevem sentidos de ocasiões e locais diferentes; daí a importância do verbal para essa ilusória unidade do funcionamento discursivo do jornalismo.

Considerações finais

*“os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã,/ desde uma teia
tênue,/se vá tecendo, entre todos os
galos.” – João Cabral de Melo Neto*

Verificamos que as legendas possuem impacto fundamental na leitura do não-verbal, através de uma pretensa união entre dois discursos de materialidades e constituição divergentes. A cartilha do *logocentrismo*, que privilegia o domínio do lingüístico sobre outras materialidades encontra manifestações em toda mídia, embora de modo diferente na esteira de diferentes formações discursivas. Sob a égide da “imparcialidade”, a mídia faz circular, então, certos dizeres naturalizados

ideologicamente, enquanto rechaça e silencia outros modos de relatar e produzir sentidos.

No caso do jornal *Brasil de Fato*, temos observado a filiação a uma formação discursiva de resistência àquela a qual se filia a imprensa majoritária. Com regularidade, este periódico materializa a voz dos trabalhadores como não acontece comumente na “grande mídia”, deixando emergir sentidos silenciados, excluídos e apagados nas páginas de outros jornais. Nas análises que apresentamos aqui, observamos como a legenda jornalística tende a produzir um efeito de homogeneidade, fazendo uma costura imaginária de conexão entre imagens fotográficas que poderiam abrir espaço para inúmeros gestos de leitura e interpretação. Inferimos, assim, que a legenda cumpre esse lugar de ancoragem para que o sentido seja um e não vários, marcando que o heterogêneo e o múltiplo comparecem no dizer jornalístico. Nesse movimento de inscrever efeitos de abertura nas imagens fotográficas e condensar sentidos tidos como mais fechados e objetivos no verbal dá-se a tensão do dizer midiático. Sobre ele, temos nos debruçado com recorrência a fim de atravessar a cortina de obviedade aparentemente erguida pelo modo como o jornalismo supõe dar a notícia, desconstruindo e interpretando o discurso, o curso da linguagem, do sujeito e dos sentidos que, migrantes, sempre escapam e vão tecendo teias tênues de significação.

Referências bibliográficas

- ARBEX Jr., José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001. p. 57-62.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Trad.: Marina Appenzeller. 9. ed. Campinas: Papirus, 1993.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: **A leitura e os leitores**. ORLANDI, Eni (org.). Campinas: Pontes, 1998. p. 201-208

FÓRUM. São Paulo: Publisher Brasil, n. 62, maio 2008. ISSN: 1519-8952.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: **Discurso e Mídia**: a cultura do espetáculo. In: _____ (org.). São Carlos: Claraluz, 2003. (Coleção Olhares Oblíquos)

JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagem**. Trad.: Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996. (Coleção Ofício de Arte e Forma)

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. Análise do Discurso. In: ORLANDI, Eni (org.). **Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Efeitos do verbal sobre o não-verbal**. [S.l.: s.n.], [1993]. 16 p.

_____. O sentido dominante: a literalidade como produto da história. In: **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. **Ler o arquivo hoje**. In: Gestos de leitura. ORLANDI, Eni (org.). Campinas: Editora da Unicamp, 1982.

_____. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. (Coleção Repertórios)

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Mais de perto, mil faces secretas sob a face neutra**: considerações sobre a heterogeneidade no discurso jornalístico. Artigo publicado nos anais da página eletrônica da Associação Latinoamericana dos Estudos do Discurso. Santiago, Chile, 2005.

_____. O jogo da memória e a atualização de sentidos no discurso jornalístico. **Revista Letras**, Campinas, v.5, n.2, 2006.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; SILVA, Jonathan Raphael Bertassi. O discurso inscrito nas legendas do jornal BRASILdeFATO. In: Discurso e Texto: **Multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. São Carlos: EDUSFCar, 2008 (no prelo).

SILVA, Jonathan Raphael Bertassi; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Fotografias e legendas do jornal BRASILdeFATO: discurso e ideologia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 35, abr. 2008a. Disponível em:

<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/index.htm>, Acesso em: 30 jun. 2008.

SILVA, Jonathan Raphael Bertassi da; YADO, Thaís Harumi Manfré; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Análise discursiva sobre os dez anos da tragédia de Eldorado de Carajás**. 2008b. (artigo aceito pelo conselho editorial da Revista Comunicare, Faculdade Cásper Líbero, a sair).

SOUZA, Tania C. Clemente de. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Revista Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n.6, 2001. Disponível em: <www.uff.br/mestcii/tania3>. Acesso em: 06 jun. 2007.

SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. **Ensaaios APB**, n. 23, out. 1995.

¹ Bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP (06/60566-4).

² Brasil de Fato nº 114, 05 de maio de 2005, p. 7.

³ Brasil de Fato nº 136, 06 de outubro de 2005, p. 1.